P

ípsilon

CRÍTICA

We’re a Happy Family

Me, Mum, Mister, Mad ★★★★☆

José Marmeleira
26 de Março de 2014, 0:00

Para um espectador distraído ou apenas menos informado sobre as convenções da arte contemporânea, as instalações que compõem *Me, Mum, Mister, Mad* não são instalações. São almofadas que apetece lançar no ar, travesseiros em que apetece recostar a cabeça ou simples cortinas que velam uma intimidade. Objectos domésticos que solicitam as mãos, o corpo. Mas sendo tudo isso, e assim que o espectador reconhece o contrato, são obras de arte. Condição ainda assim tornada ambígua pelo espaço arquitectónico que as encena: a sala da Kunsthalle Lissabon, com os seus frisos, janelas altas, tecto decorado, chão de madeira. Terá sido habitada no passado e volta a ser, por uma muito particular “família”, nesta exposição do artista italiano Patrizio Di Massimo (Jesi, 1983)

Estabelecido em Londres, Di Massimo tem despertado a atenção de críticos e curadores com uma obra que lida com a história e a representação do outro (num sentido muito amplo), utilizando uma diversidade de linguagens e materiais (pintura, mobiliário, têxteis, filmes). Não se procure ironia ou revanchismo nas suas propostas. Nestas, as fantasias do exotismo, o processo civilizacional ou o auto-retrato são problematizados com uma sobriedade que instiga contradições, dúvidas, perguntas sem resposta. Em *Me, Mum, Mister, Mad*, é com a (sua) família que o artista se confronta, representando-a sobre a forma de almofadas, guarnições ou uma borla à escala humana. O espectador entra assim num espaço

que não sendo privado, alude a memórias e imagens de uma vida privada, de uma história de relações pessoais e familiares.

Mad, o pai, aparece à entrada. É composta de três grandes travesseiros de cores diferentes (rosa, verde escuro, preto acinzentado). Feitos de algodão e veludo, sugerem peso, flacidez e luxuosidade ou um desenho tornado escultura de Phillip Guston. Mas algo importuna a sua imobilidade pachorrenta e inquietante: a agitação de um canário numa gaiola. A cultura e a natureza, o presente e o passado descobrem-se numa tensão inexprimível mas saudavelmente interpeladora: será a figura do pai ou a condição da paternidade que a instalação representa e interroga? O retrato de família prossegue na sala principal. A tapar uma porta, uma pilha de almofadas azuis e brancas aguarda o espectador. De ganga, com tonalidades diferentes, representam a irmã e, pelo movimento e os jogos que evocam, constituem o momento mais "lúdico" da exposição. *Mister* (é este o título) ampara a memória da presença de um corpo num espaço doméstico antes de a projectar sobre quem passa. Em frente, perto das altas janelas, eis, finalmente, o retrato da mãe, intitulado *Mum*. Uma borla vermelha, à escala humana, emerge do chão. Há uma certa gravidade neste objecto sobredimensionado. Vermelho, inexpressivo, estende-se discretamente a uma janela e parece contaminar a sanefa que encima um cortinado transparente. Trata-se de um retrato fragmentado: a mãe pode ser o ornamento, o cortinado e ou a planta que trepa na direcção da parede. Um organismo que cresce, generoso, mas também frio ou indiferente. Depende das experiências que o olhar esconde. É curioso o interesse de Patrizio Di Massimo por estes objectos, a maioria antiquados, pouco "contemporâneos". Mas não é o ornamento, a arquitectura ou o design que o artista traz para o Kunsthalle Lissabon. Repita-se: são relações pessoais e familiares (entre irmãos, entre um filho e os pais), retratos de uma família, representados com objectos. Será, por isso, *Me, Mum, Mister, Mad* uma exposição que nos violenta? Se a virmos apenas como uma reificação de memórias e experiências, a resposta será afirmativa. Se nos distanciarmos, com o nosso corpo, do teatro que nos é apresentado, a reposta será negativa.